

A história de uma vez:

Um olhar sobre o contador de histórias indígena

Daniel Munduruku

Nem lembro direito quando comecei a ouvir histórias. Ou se algum dia teve um começo. O que sei de verdade é que sempre me senti dentro de uma história contada por muitas vozes. Talvez isso tenha sido a razão principal por que sempre me sentia muito seguro vivendo dentro de minha comunidade, ainda que desconfiasse das coisas que me eram ditas.

Eu poderia começar contado do começo, mas essa é uma forma muito comum de contar algo. É o modo ocidental de contar uma história. Começar do começo é sempre caminhar por um caminho linear, e nos ensinaram a pensar sempre obedecendo a esse caminho. É como se não houvesse outro possível. Aliás, há outros tantos possíveis, mas nos acostumamos a seguir uma lógica epistemológica: o ser e o não ser não é. Um axioma que traz duas verdades aparentemente absolutas: se eu afirmo algo, sua negação é impossível. Simples assim.

Acontece que as histórias nem sempre seguem um rumo lógico. Às vezes elas seguem um caminho que passa longe da compreensão mental. Elas questionam, indagam, divagam, interrogam, constroem ou destroem; consertam ou estragam; dilaceram ou unem mundos. Fazem isso porque costumam contradizer o que está posto ou o que é senso comum.

Demorei muito para entender isso. Outro tanto para compreender a emoção que costuma tomar conta de quem sabe ouvir histórias. Observando comportamentos, atitudes, emoções, intuí algo maravilhoso: somos movidos pela magia. Ela não está fora, dentro de cada ser. Ela é o próprio ser. Infelizmente somos “educados” a abrir mão da magia no dia em que entramos na escola. Vendo crianças tão pequenas se esgoelando para não se separarem da mãe no primeiro dia de aula me ocorreu uma verdade cruel: é o dia da separação entre a magia e o real. A escola vai arrancar de nossos corpos o que trazemos de mágico, de desconhecido, e em seu lugar vai colocar o *conhecido*. Nesse dia passamos a nos *adequar* ao sistema lógico que nos vai ensinar “ser alguém”. Nunca mais seremos nós mesmos, seremos sempre alguém buscando alguém. A magia cede lugar a um princípio que escamoteia nosso desejo mais íntimo pela verdade: somos seres originados de uma matéria cósmica. Somos parte do universo, e não seus donos.

BRINCADO DE PESCAR HISTÓRIAS

Minha avó era uma boa contadora de histórias. Só que ela não contava as histórias, ela as vivia. Ou melhor, talvez as histórias ganhassem vida na vida que ela

vivia. Era assim, mesmo, um pouco claro e muito confuso. Meus primos e eu não conseguíamos definir o que ela era. E quando a víamos sorratamente sair rumo ao mato ficávamos atentos, pois sabíamos que haveria algo novo para conhecermos naquele dia.

Vovó era muito estranha. Parecia um duende dos mundos mágicos. Ou talvez uma fada. Ou talvez um gnomo. Meu avô a chamava de “mistério”. Quando perguntávamos o porquê, ele desconversava dizendo que um dia iríamos saber. Eu ficava pensando que mistério era o nome do meu avô, pois ele era muito esquisito, talvez mais que a minha a vovó.

O fato é que minha avó tinha alguns segredos que ela não permitia que ninguém soubesse, e quem os conhecia não deveria contar nada, jamais. Isso nos enchia de curiosidade. Menino que éramos, queríamos mais é conhecer as coisas de nossa família, por isso não desistíamos nunca de querer saber. A gente sentia que vovó sabia de nossos movimentos e das perguntas guardadas. Sempre que nos via, ela ria.

Vovó era muito estranha, já disse isso. Ela não falava com quase ninguém. Ouvia todo mundo, mas poucas pessoas conseguiam tirar de sua boca algumas palavras. Ela vivia em silêncio, mas parecia que vivia falando com um ser invisível que habitava sua cabeça ou seu coração. Raramente víamos triste ou sem seu famoso sorriso de mona Lisa nos lábios. Era diferente, sedutor, enigmático, para seu metro e maio de altura. E era por isso que eu a seguia sempre que podia.

Estava eu, em uma ocasião, próximo ao igarapé. Brincava de pescar. Subia e descia da canoa de meu pai que estava ancorada ali. Minha mãe batia roupa mais adiante, sempre observando minha brincadeira. Algum tempo depois vi um vulto que passava entre as árvores. Eu, no fundo, sabia que era vovó, mas fiquei com os pelos do corpo eriçados. Do alto de meus nove 9 anos, a curiosidade falou mais alto e segui meus impulsos de menino-quase-homem e fui averiguar de quem se tratava. Fiz um sinal para a mamãe insinuando que ia subir mais um pouco pra fazer xixi. Ela fez apenas um sim com a cabeça, abrindo caminho para a aventura. Deslizei rapidamente em direção ao vulto. Abri espaço entre galhos das árvores baixas para não me deixar notar. À frente, a figura continuava andando. Vez ou outra parava, olhando para as árvores, como se conversasse com elas. Nessa hora eu queria ser uma abelha só para me aproximar e ouvir o diálogo travado em uma língua estranha. Olhava admirado para o semblante da vovó, que continuava sereno como sempre.

Um barulho despertou a minha atenção. Havia mais alguém por ali. Quase me deitei no chão a fim de não me fazer notar. O segundo vulto foi se aproximando de vovó. Fiquei pensando se deveria gritar ou não para avisá-la. A prudência me mandou ficar quieto e observar a cena.

Quem se aproximou da velha anciã não pude ver com certeza. Não parecia gente, mas tinha forma de gente. Fiquei tremendo de medo e tratei de voltar para perto de minha mãe. Quando cheguei lá ela perguntou se tinha visto um fantasma. Respondi que sim, e ela apenas riu de minha resposta. Continuou batendo roupa enquanto eu fiquei brincando de pescar histórias.

HOJE À TARDE NA CURVA DO RIO

Dois dias depois do ocorrido fui pego de surpresa. Minha mãe falou que minha avó queria me ver. Fiquei matutando sobre qual seria o assunto. Tentei indagar a minha mãe, que apenas deu de ombros e ignorou minha preocupação. Minha mãe também era estranha.

Quando cheguei à porta da casa de vovó estava um pouco nervoso. Além de estranha, ela tinha o hábito de passar um tempão dentro de casa. Quando eu ia visitá-la com meus pais via seu fogão de lenha todo cheio de panelas de barro. Elas estavam sempre cozinhando alguma coisa que parecia apetitosa. Vovó era excelente cozinheira e tinha sempre um gostoso caldo de peixe para oferecer às visitas. Naquele dia, porém, eu estava sozinho. Ali, na porta da frente, aguardando convite para adentrar. Não demorou muito e minha avó pôs o lindo rosto para fora. Disse simplesmente:

- Encontre-me hoje à tarde na curva do rio.

Uau! O que será que iria acontecer? Por que vovó fazia tanta cerimônia para conversar comigo? O que ela me diria? Foram perguntas que imediatamente surgiram na minha cabeça após aquele misterioso convite.

Passei o resto da manhã em uma expectativa danada. Minha mãe até notou que fiquei um pouco alheio aos meus afazeres, como se estivesse com a cabeça na lua. Ela até me perguntou o que havia, e eu simplesmente respondi que ia me encontrar com vovó.

Quando a hora chegou – e ela sempre chega -, corri para a curva do rio. Sabia que aquilo era um modo de minha avó se referir ao lugar onde havia uma pequena cascata na qual sempre nos reuníamos para tomar banho, brincar ou simplesmente conversar.

Vovó já estava lá, sentada sobre uma pedra. Ao me ver, sorriu. Nada disse, apenas indicou um lugar para eu me sentar e, quando tentei perguntar algo, ela colocou o dedo sobre a boca e pediu que eu mirasse para o lado do rio. Apenas isso. Passado alguns minutos, virou-se para mim e disse:

- Meu neto está querendo saber sobre meus mistérios?

Fiquei assustado com a pergunta dela. Como sabia disso?

- Meu neto é curioso, e isso é bom! Os curiosos sempre encontram o que procuram, e hoje vou dar um pouco para você. Não será muito, mas o bastante para que meu neto consiga caminhar sozinho.

Era muita coisa para um *menino-quase-homem* – entender o que estava se passando naquele momento. Deixei minha avó falar.

- Nosso povo sabe de onde veio. Sabe para onde vai. Tudo isso está escrito na tradição de nossa gente desde o começo dos tempos. Não precisamos saber ler as letras escritas da cidade. Tudo está escrito na natureza. É preciso apenas saber ouvir.

- Minha avó tem palavras boas – eu disse, tentando me fazer de entendido.

- Estou dizendo que é preciso saber ouvir. Meu neto precisa aprender a ouvir também. As palavras precisam sair de nossa boca depois de terem conversado com a natureza. É assim que vivo, meu neto. Por isso você me vê muitas vezes saindo para a floresta. Vou lá aprender coisas que ainda não sei.

- Você parece já saber tudo. Como faço para aprender também.

Vovó se ajeitou na pedra. Olhou para o igarapé que corria à sua frente como se estivesse conversando com ele. Depois se voltou para mim e disse:

- Não sei. Cada pessoa aprende o que precisa para viver bem. Aos poucos você será conduzido aos conhecimentos de que precisa. O que posso dizer agora é que meu neto precisa ser criança. Só isso. Tem que treinar seus sentidos ouvindo os sons da tradição. Só isso. Tem que ouvir as histórias de antigamente. Só isso. Tem que saber fazer silêncio. Só isso.

“Só isso.” Quis perguntar, mas entendi que ela não falaria mais. Já tinha dito tudo que queria dizer, e eu havia ouvido o que precisa ouvir. Só isso.

SÓ ENSINA QUEM APRENDE

Meu pai era um grande contador de histórias. Mas era também muito intimista. Quando eu era criança, ele costumava me balançar na rede depois que voltava da caçada ou da roça. Fazia isso invariavelmente no final da tarde, quando o sol se punha chamuscando o rio Tapajós. Eu gostava muito de ficar assim com ele.

Um dia ele me contou a história que morava dentro do seu coração. Iniciou dizendo que cada um de nós tem uma história que só a gente sabe contar. Fiquei curioso e pedi que me explicasse.

- A gente aprende muitas histórias durante a vida. Algumas são para dizer quem somos, de onde viemos e para onde vamos. Essas histórias nos ajudam a perceber parte do universo. Tem história que nos ensinam de onde tirar nosso alimento:

histórias da mandioca, dos frutos comestíveis, das plantas medicinais. Essas histórias nos contam que tudo é sagrado porque nos foi dado graciosamente. Há histórias de homem que namora mulher. Nem sempre têm a forma que conhecemos hoje. Às vezes homem e mulher são seres da natureza. Podem ser plantas podem ser bichos, podem ser rios, podem ser árvores ou pássaros. Essas histórias nos contam sobre como viver juntos, como viver em comunidade, como respeitar as pessoas.

Papai fez uma pausa enquanto via mamãe fazer um delicioso mingau de banana no lado de fora da casa. Perguntou se ela precisava de algo, mas ela o ignorou. Ele aproveitou para continuar.

- Todas essas histórias são muito importantes para nós. Elas realmente nos ensinam quem somos e por que somos o que somos. Antes que pergunte vou logo dizendo que somos uma grande família. Contudo, há uma história que é só sua, e de ninguém mais. Ela será criada por você no decorrer de sua vida. Mais tarde – quando o tempo badalar em seu corpo – você entenderá que todas essas histórias são alimentos para o seu espírito. Aí saberá compor a história que irá contar para seus filhos. Será uma história só sua.

Fiquei tentado a perguntar se aconteceria comigo. Não precisou. Papai simplesmente retomou a palavra.

- Isso tudo acontecerá com você também. Sabe, filho, há pessoas nesta vida que acham lindo contar histórias. Na cidade tem gente assim. Aqui na aldeia também. Realmente é lindo. Tem, no entanto, algo que elas ignoram: as histórias é que nos contam. Elas usam a gente para ganhar corpo. É por isso que contar histórias não é apenas a repetição de um texto. Quem faz isso apenas decora e, mesmo que saiba verbalizar ou encenar o que está contando, não consegue atrair as pessoas. Essas histórias tem vida própria. Se elas encontram um bom contador, fazem morada dentro dele e mais vão embora.

- Isso é meio assustador, papai.

- É mesmo, não é? Mas é pura verdade. Você nunca reparou na sua avó?

Confesso que fiquei matutando aquilo tudo dentro de mim. Depois disso tornei-me mais atento às coisas ao meu redor. Comecei a perceber que tudo estava vivo e poderia interagir comigo. Em pouco tempo notei que as histórias que ouvia em casa ou nas rodas de conversa dos fins de tarde ganhavam vida na minha própria vida.

Um dia, vi minha avó sorrindo sorrateiramente para mim. Quando notou que eu a vira, fez um gesto de positivo com o dedo polegar. Naquele momento percebi que estava me tornando um contador de histórias.

CATANDO PIOLHOS, CONTANDO HISTÓRIAS

Minha mãe também contava histórias. Seu método era diferente. Ela gostava de catar piolhos em minha cabeça. No começo achei que era apenas um cuidado materno. Mas não era. Com o passar do tempo fui entendendo que ela me contava histórias enquanto perseguia meus piolhos com os seus dedos ágeis e certos.

Tudo acontecia de um jeito muito simples. Toda vez que eu aprontava alguma travessura – briga com colegas, desobediência a um adulto ou desrespeito a alguém mais velho – invariavelmente ela me pegava para tirar piolhos. Algumas vezes eu dizia que já não os tinha, mas ela insistia. Bem mais tarde é que consegui juntar os pontos e atinar para um fato comum: não havia mesmo piolhos. Aquilo não passava de uma estratégia materna para “puxar minhas orelhas” por ter feito algo não adequado. O legal desse “castigo” é que eu ficava ouvindo tudo aos sussurros, porque minha mãe jamais alterava o timbre de sua voz ao falar. Aquele momento era como ouvir música entoada por uma grande cantora de ópera.

E que histórias ela me contava? Normalmente eram aqueles em que alguns ancestrais de nosso povo haviam sido transmutados em seres inferiores por terem quebrados regras ou desobedecido ao Criador. Foi assim que surgiram as serpentes, as capivaras, os urubus, todos os que haviam sido castigados por sua desobediência. Ela dizia:

- Quando fizer algo, pense sempre no seu grupo; pense no Criador, que nos fez esse mundo tão bonito; pense nos antepassados, que nos deixaram tudo isso como herança. Não vamos desperdiçar o esforço deles, não é mesmo?

Depois disso, dava duas palmadas no meu bumbum e me dispensava para ir embora.

Mamãe gostava sempre de falar dos antepassados. Desde muito pequeno ela repetia um dizer que muito me agrada hoje. Quando nos via – meus irmãos, primos, cunhados – cansados ou cabisbaixos por causa de algum ruim que estávamos vivendo, ela nos dizia:

- Nenhum de nós tem o direito de desistir. Somos filhos de nosso povo. Nossos antepassados pensaram muito para que chegássemos até aqui, e não podemos desrespeitar a coragem e a luta deles. Os jovens de nosso povo têm que ser fortes e continuar essa história.

Acho que nunca tinha ouvido um discurso político tão bem elaborado e verdadeiro. Minha mãe sempre teve uma opinião contundente e firme, porque elaborada no convívio com as outras mulheres da comunidade, que se reuniam constantemente para traçar os passos dos filhos e dos maridos. E, mesmo que eu ainda fosse uma criança, nunca era deixado de lado nessas conversas. Fazia parte do jeito de educar de nossa gente permitir que as crianças participassem de todas as atividades e

conversas comunitárias. Ainda que não entendesse metade do que falavam, podia ouvir, ver, constatar e até opinar quando conviesse.

Parte do que sei hoje sobre contar histórias aprendi no colo de minha mãe. Talvez me lembre pouco das histórias contadas porque era comum adormecer nos primeiros acordes de sua voz, mas a metodologia que me ensinou, enquanto eu dormia, ficou dentro de mim, e talvez hoje a pratique enquanto crio e conto minhas próprias histórias.

UM AVÔ NO MEIO DO CAMINHO

Embora tenha crescido em uma aldeia, não foi nela que morei desde sempre. Minha primeira infância foi vivida em comunidade, e, sob um céu de estrelas ainda possível de contemplar, recebi minhas primeiras instruções, minhas primeiras lições.

Um pouco mais tarde fiquei entre a aldeia e a cidade. Tinha de estudar, segundo as orientações da época. Eram tempos militares, e havia uma política pública segundo a qual todos os indígenas – e as demais crianças – tinham de ir para a escola *aprender a ser alguém*, o que se significava “aprender a ser gente civilizada e abandonar o estado *selvagem*”. Ou seja, entrar na fôrma.

Fui para a escola na cidade grande. Lá encontrei pessoas que tinham a mesma cara que a minha. Muitas delas já eram *civilizadas*. Elas tinham de me ensinar a ser assim também. Não gostei da escola. Pensei que ali eu poderia continuar sendo eu mesmo. Engano. Eu tinha que ser outro. Só percebi isso quando meus colegas *civilizados* começaram a curtir com minha condição de *selvagem*. Nunca mais gostei de ir à escola. Obrigada, fui todos os dias. Talvez minha sorte tenha sido estudar em uma escola que era muito grande, com espaços enormes que me permitiam matar a saudade de casa.

Por muito tempo tentei resistir, lembrando as palavras da minha mãe. Era muito difícil. Um dia capitulei. Resolvi tornar-me civilizado para fugir dos apelidos, da violência, dos maus-tratos, da falta de amizade que me torturava. Foi um grande engano. Foi também minha salvação.

Nas férias escolares eu voltava pra aldeia. Eram meses de muita alegria e satisfação. Brincava, corria na mata, nadava no igarapé, saía para o roçado, ia no manguê tirar caranguejos, subia nas árvores, vivia histórias imaginadas. Era a minha recaída. Eu gostava de pensar que eu era dois: o menino da cidade e o curumim da mata. Duas roupas, duas pessoas, duas gentes. Todo mundo da aldeia achava que eu estava bem na cidade, pois nada dizia contra minha estada por lá. No entanto, dois olhos me observavam de longe e logo decifraram a minha escrita invisível: meu avô.

Foi assim. Eu estava próximo ao igarapé quando ele se aproximou. Olhou para mim e convidou-me para tomar banho. Estranhei o convite, mas segui por um caminho que não conhecia bem. Levou-me até um local que não conhecia e mandou que eu me sentasse sobre um tronco de árvore caída. Obedeci sem pestanejar. Era assim que tinha aprendido. Ele me olhou fixamente e disse que eu deveria escutar as palavras do sábio rio. Não entendi nada, mas obedeci. Fiquei por algum tempo contemplando as águas cumprindo seu destino. Elas não retrocediam, apenas avançavam para algum lugar que eu não conhecia.

Depois de alguns instantes ele me perguntou o que o rio me havia dito. Respondi que não tinha ouvido nada. Ele não se impacientou. Simplesmente mandou que eu continuasse a ouvi-lo por mais algum tempo. E assim o fiz. Não adiantou. O rio ficou mudo para mim. Meu avô, no entanto, garantiu-me que ele havia conversado comigo. Perguntei o que ele havia dito. Vovô passou a mão em minha cabeça e fez o seguinte discurso:

- O rio falou com você, meu neto. Ele sempre fala com a gente. Só que para ouvi-lo é preciso estar vazio de pensamentos e preocupações. Sinto que sua cabeça não está concentrada nas palavras do rio, mas precisa saber o que ele disse a você.

Fiquei esperando, com certa desconfiança.

- você já ouviu o rio ficar parado quando ele encontra alguma dificuldade? Já viu o rio chorando porque encontrou uma árvore caída em seu leito? Nunca viu nem nunca verá. E isso acontece porque, dentro dele, tem uma voz que fica lembrando que, se ele parar diante das dificuldades, jamais cumprirá sua missão nesta vida. E qual a é a grande missão do rio? Encontrar-se com o Grande Rio e mergulhar em suas águas. Somente nesse momento o rio se realiza. Mas, se ele ficar se lamentando diante das agruras da vida, o que restará a ele? Frustração, fraqueza, pânico. Isso tudo vai fazê-lo apodrecer e perder o que ele tem de mais precioso: a pureza que atrai as pessoas para o seu leito, traz animais para beber água e dá alegria a todas as formas de vida. Será que isso é motivo suficiente para o rio continuar a sua jornada?

Sabia que meu velho avô não queria uma resposta. Aquele era seu jeito de falar. Eram perguntas retóricas para prender a atenção. Ele sempre conseguia. Esse era o momento da pausa em que ele olhava para o público (nesse caso, eu) para se certificar de que sua mensagem estava sendo bem entendida. Eu já sabia disso e fiquei esperando que ele continuasse.

Meu neto está sofrendo as dores da cidade grande. Está aprendendo que lá o sistema é muito diferente do nosso. Lá todo mundo só pensa em si mesmo, tornando cada pessoa uma inimiga. Para elas ninguém é bom, ninguém é feliz se não for igual a elas. Pense, meu neto, que pessoas assim são como o rio que apodrece. Quem vai querer estar em um rio podre? O que meu neto precisa aprender é lição do rio: ir

sempre em frente, enfrentar os obstáculos, não esquecer que é e de onde veio. Isso cria na gente o sentimento de gratidão e pertencimento. Isso ajudará você a encontrar sua própria história, o que o move neste mundo.

Dito isto, ele se jogou nas águas do rio e me convidou a fazer o mesmo. Depois desse dia nunca mais fui o mesmo na escola. Havia decidido ser um rio vivo, aquele que corre sem medo dos desvios ou dos obstáculos.

Meu avô me contou muitas histórias ainda. Convivemos juntos alguns anos antes de ele partir e se juntar à nascente do rio Tapajós. Acredito que ele foi a síntese perfeita e existencial do que significa pertencer a um povo, ainda que em outros ambientes e lugares. Sua lembrança ainda me comove, alimenta e inspira.

PROCURANDO A HISTÓRIA QUE ME MOVE

Sou filho de um povo ancestral. Trago marcado em meu corpo o aprendizado do que vi, ouvi e vivi.

Vi com meus olhos muitos eventos acontecerem. Vi sofrimento de gente boa. Vi feridas marcadas no corpo de minha gente. Soube de outras marcas de alma. Vi quem queria apagar nossos conhecimentos antigos e vi quem queria impor outros conhecimentos que desmantelaria um sistema de convivência curtido por centenas, talvez milhares de anos.

Ouvi muitas histórias. Todas verdadeiras. Todas contadas por pessoas que não sabiam mentir e que acreditavam piamente no que contavam. Ouvi outras histórias inventadas por pessoas que andavam pelas matas e se deparavam com diferentes sentimentos oriundos de seu interior. Ouvi gente contando sobre seu encontro com os encantados da floresta. Ouvi quem encontrou o curupira, a matinta pereira, o boto transmutado em gente; quem jura que viu lara, a deusa das águas, ou cavalgou a destemida mula sem cabeça. É claro que ouvi as histórias do princípio do mundo, das tragédias que sempre o acompanharam, do nascimento, das coisas da cultura; ouvi sobre o surgimento da noite, sobre o aparecimento do medo, entre tantas e tantas e tantas histórias que moram dentro de mim.

Vivi coisas também. Alguma delas contei aqui, outros contei em livros, artigos, ensaios espalhados pelo mundo virtual. Vivi as dores do crescimento e dos amores que vão e vêm. Vivi lutas políticas e já me deparei com a desesperança ao ver o governo dos brasileiros aceitando detonar com o habitat de brasileiros mais antigos por meio de projetos megalomânicos, capazes de destruir a vida de todos os seres apenas para satisfazer uma minoria sedenta de mais riqueza e poder. É a parte de que menos tenho orgulho na trajetória para encontrar a história da minha vida, aquela história que me move. Ainda não a encontrei; e talvez uma vida seja pouco, para de fato, encontrá-la. Ainda assim, caminho com esperança, com energia, com a certeza de que não sou

sozinho, mas parte de algo maior e que, se não cabe em mim, ao menos, me provoca a continuar contando pedaços de minhas histórias.

É assim que me sinto um contador de histórias. Não tenho formulas nem sei fazer mágica. Procuro viver as histórias que conto com a doce ilusão de poder provocar meus ouvintes-leitores a compor – e não inventar – suas próprias histórias.

DUAS PALAVRAS FINAIS

Já contei minhas histórias. Não posso contar “A minha história”, pois ela está em composição permanente. Contei, no entanto, algumas que, espero, os leitores possam enxergar muito além de suas palavras. Saibam que cada história contada transforma o ouvinte. São histórias que têm endereço certo. Por isso um contador de histórias não pode ser apenas um artista, alguém que conta da *boca para fora*, como se diz. Tem que ser alguém que acredita no que está contando. A educação parte dessa premissa: só ensina quem aprende. Na tradição de meu povo, aprender a deixar que o silêncio se apossa de você e se transforme em verdade. A criança nunca ouve uma história que sai da boca do contador. Ela vai além disso. Ela busca em quem conta, um confessor. Ela precisa de gente que confesse sua fé naquilo que ensina.

Ofereci nesse texto algumas pistas para que conheçam um pouco do *modus operandi* tradicional. Não há formulas, nem receituário. O bom contador de histórias é aquele que vive a *sua* história encantada. Nesse sentido, somos todos contadores de histórias. Desejo que cada leitor possa ler nas entrelinhas desse texto algo que foi dito apenas para si.

Recebam, todos, meu carinhoso abraço.

Texto retirado do livro:

MEDEIROS, Fabio Nunes Medeiros; MORAES, Rauen Taiza Mara. Contação de histórias: tradição, poéticas e interfaces. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.